

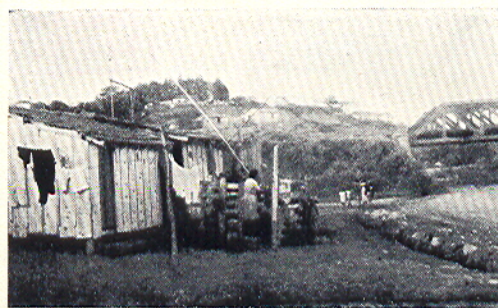
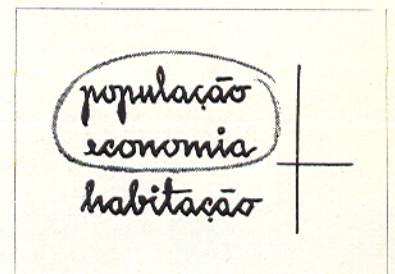
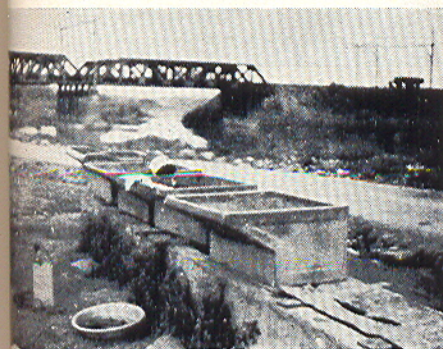
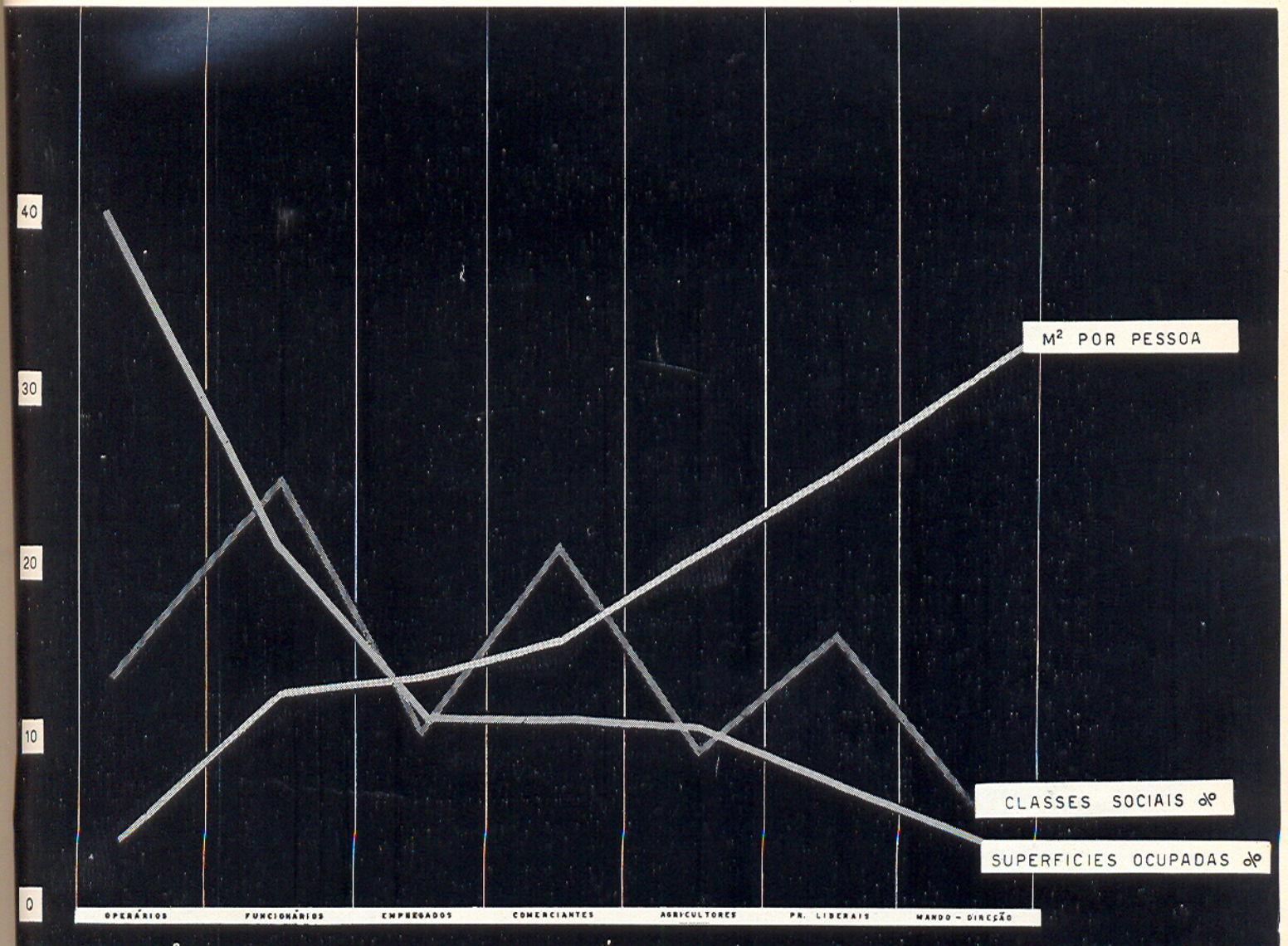
Dez milhões de brasileiros moram em favelas e choupanas

Uma colaboração de alunos da Faculdade de Arquitetura de São Paulo, para a solução deste problema



Prfs. J. Villanova Artigas — Abelardo de Souza

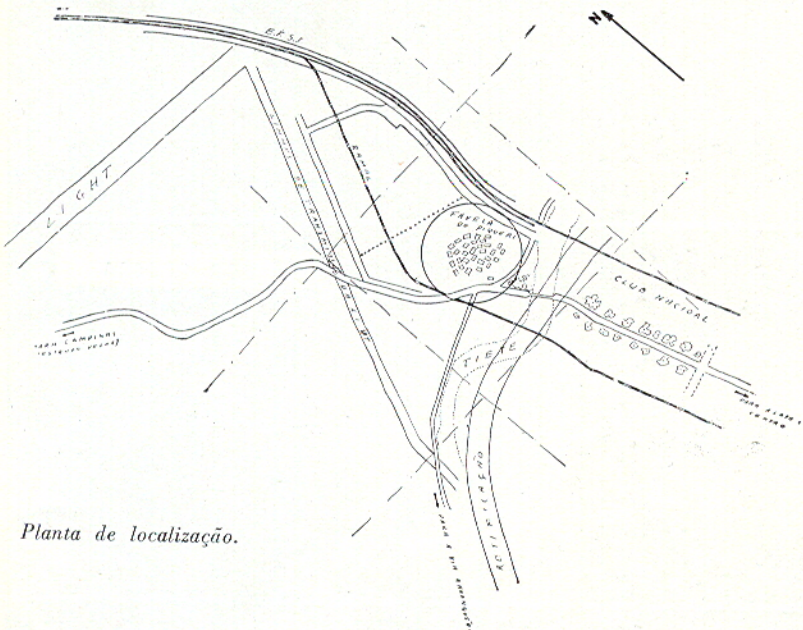
TEMA: *A condição de habitação da maioria da classe operária está num nível incompatível com a dignidade humana. Devem ser formadas equipes de 4 a 5 alunos para "in loco", procederem a um levantamento de uma das inúmeras favelas que infestam os arredores da Capital, observando as condições de vida de seus habitantes, fazendo um censo demográfico e apresentar uma solução para a referida favela.*



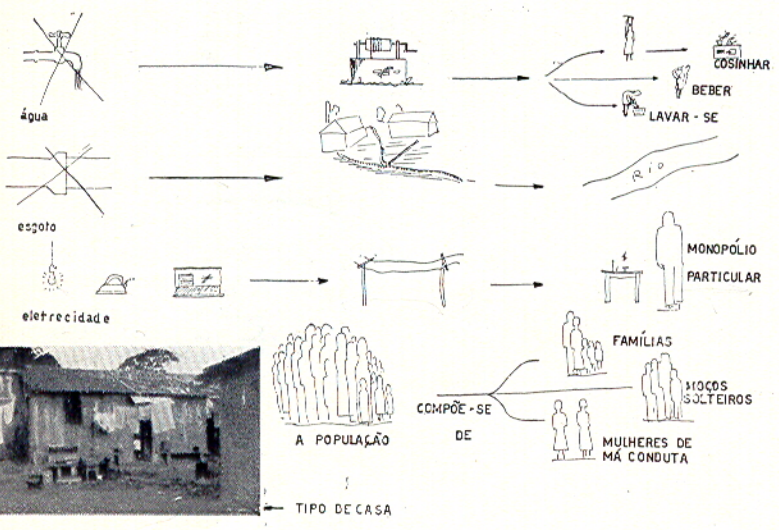
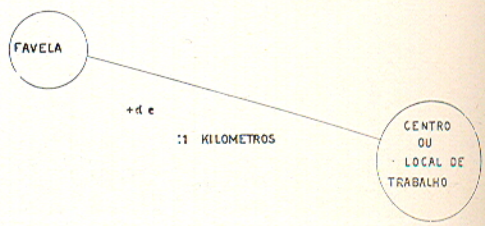
529 habitantes.
169 habitações.
5,5 m² por pessoa.

Habitantes por aposento = 2 a 10.
Área mínima dos barracões = 20 m².
Luz e força = 15,00 por bico.
Tempo de viagem ao lugar de trabalho = 3 horas.
Ordenado mensal médio = Cr\$ 1.500 a Cr\$ 2.000.

Reputamos desnecessário indicar as condições de vida dos habitantes desta favela. Os algarismos acima publicados, e as fotos apresentados atestam a crueza de sua situação.



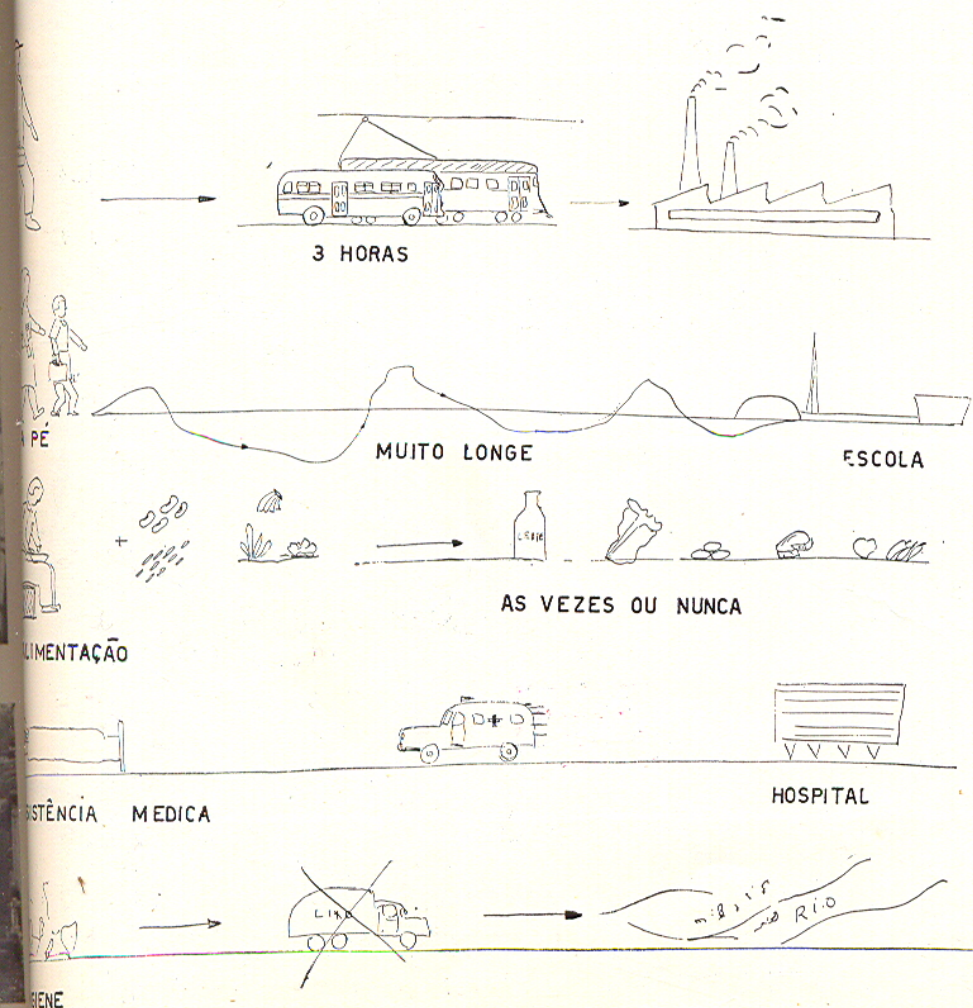
Planta de localização.



Biblioteca da E.A.U.M.G.



geral.



Vivem nesse conjunto de duzentos e cinquenta "barracões" (aproximadamente) umas quarenta e cinco famílias, das quais apenas trinta e cinco são constituídas legalmente. Não ocupam todas as habitações; a maioria mesmo é ocupada por rapazes solteiros.

Temos ao todo, cerca de umas trezentas pessoas, ocupando uma área de mil metros quadrados.

Os que trabalham perdem muito tempo com a condução; até cerca de três horas para ir ao serviço. De passagem devemos, entretanto, observar que não é esse um mal característico da favela, pois muitos há, alguns até com casa própria e que nesse particular estão em pior situação nesta cidade de São Paulo.

A maior parte dos adultos é analfabeta; as crianças vivem a brincar nos esgotos e monturos de lixo à cata de quinquilharias; poucas estudam e estas poucas têm que andar muito cada dia, visto a escola ficar distante do local.

Os homens ganham mais ou menos a média de Cr\$ 6,00 (seis cruzeiros) por hora, ou seja Cr\$ 1.500,00 (Um mil e quinhentos cruzeiros) mensais, quantia irrisória mesmo para as condições de vida que levam suas famílias.

Simplees valetas abertas, desaguando no rio próximo ou pior em algum quintal mais baixo, fazem o papel de serviço de esgotos. A Prefeitura fizera fossas coletivas; cheias estas, porém, pelo descuido de seus usuários, foram abandonadas e estão em ruína.

Alguns favelados, por iniciativa própria, construíram para si, no quintal ou em outro local primitivo W. C. Outros de menor iniciativa recorreram a processos mais primitivos.

Tudo isso também se explica pela falta de água encanada. A água para beber é extraída de um poço em melhores condições; para outras serventias é usado um outro poço.

A maioria dos barracões é servida pela corrente elétrica, o que se faz de um modo bastante curioso. Um particular serve de intermediário entre a companhia fornecedora e os singulares consumidores. Cada qual lhe paga mensalmente a quantia de Cr\$ 15,00 (quinze cruzeiros) por bico (lâmpada, tomada ou qualquer outra ligação existente). Só depois das 18 horas é permitida a ligação de rádios ou a utilização das lâmpadas.

São cerca de 180 casas nessa situação. Pelos cálculos que apresentam, dependendo um juízo de melhor verificação, parece muito lucrar esse intermediário; talvez uns 50%, cerca de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros), mensais.

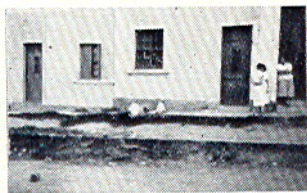
Os barracões são em geral de madeira, cobertos com telhas francesas. Alguns também com zinco. Tamanho: um quarto 3m x 4m; alguns sem cozinha; a maioria com cozinha de 2m x 2m. Mal iluminados e mal cheirosos!

Um barracão maior, livre de impostos e das exigências do Serviço de Policiamento de Alimentação Pública, faz preços acessíveis aos favelados para as mercadorias que expõe.

Estudo de um quarteirão com residências populares no Alto da Moóca, São Paulo.

Trabalho de Luiz Madureira Serraybricker, aluno do 2.º ano, 1953.

DEFICIÊNCIA EM



PÁRQUES INFANTÍLS

PRAÇAS E JARDINS

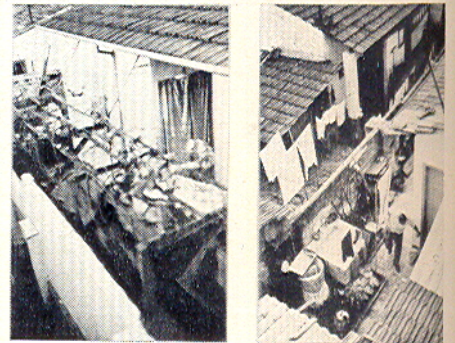
CENTROS SOCIAIS

Local: Quarteirão limitado pelas ruas Arina, Itabaiana, Maquirebú e João Santis, 67 casas construídas em 1929, de 4,50m x 24,00m.

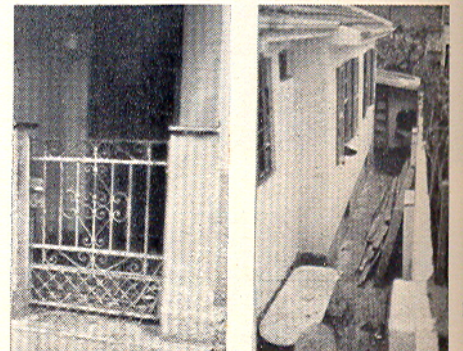
Condições sociais: População operária, estimada em 335 pessoas; famílias de 5 pessoas. Nível de vida modesto.

Condições econômicas: Em sua maioria, os moradores são os proprietários das casas, onde residem. Cada família vence em média Cr\$ 5.000,00 a Cr\$ 6.000,00 por mês.

GRANDE DENSIDADE DE POPULAÇÃO

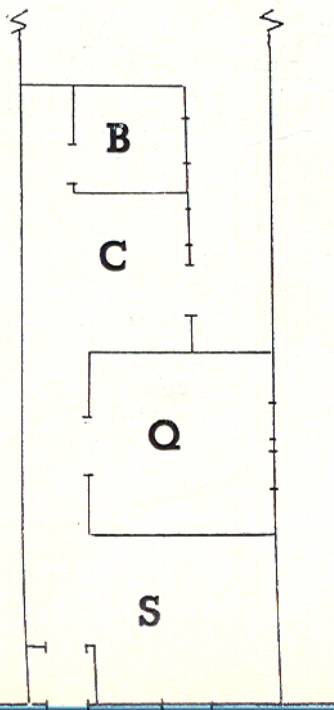


VEGETAÇÃO NULA

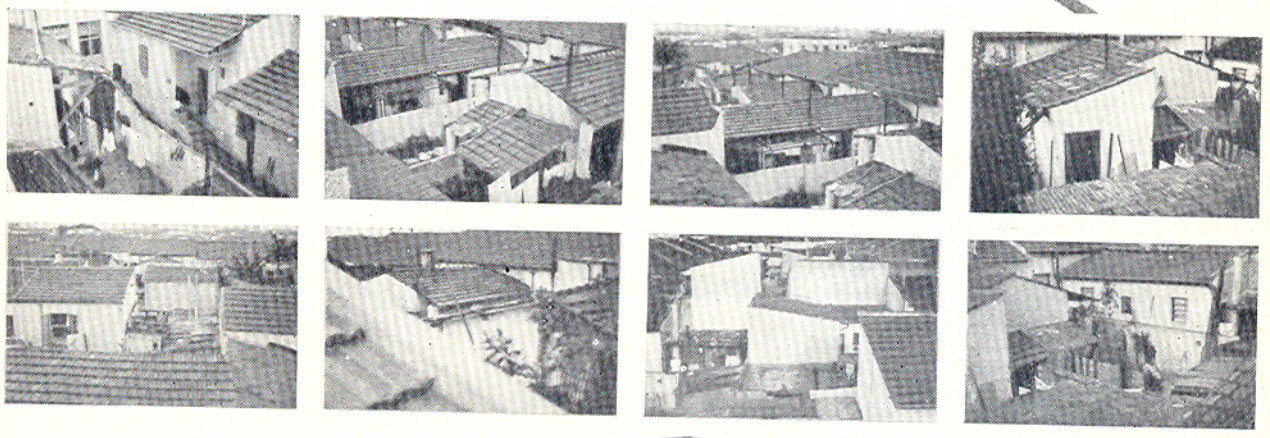


POUCA LUZ SOLAR

VENTILAÇÃO DEFICIENTE



ÁREAS INTERNAS INEXISTENTES
AMONTOADO DE TELHADOS
PROMISCUIDADE



NENHUMA UNIDADE ARQUITETÔNICA
ADAPTAÇÕES IMPROVISADAS
URBANIZAÇÃO AUSENTE